

## DIÁLOGO INTERROMPIDO. EVOCAÇÃO DO PROFESSOR PINA MARTINS

Ao contrário de tantos dos amigos com quem partilho o profundo sentimento de perda revivido no momento em que escrevo este testemunho, eu não fui aluna do Professor Pina Martins. Nem podia ter sido, dada a quase contemporaneidade da nossa passagem como estudantes pela Universidade de Coimbra. Tivemos, porém, professores comuns, dos quais, mais tarde, viríamos a falar com igual admiração ou com idêntica benévola antipatia.

Foi, de facto, mais tarde que eu conheci o Professor e me foram oferecidas as oportunidades para com ele conviver e aprender tantas coisas que nos anos longínquos da minha licenciatura nem sequer suspeitava vir algum dia a descobrir.

Recordei já, na “Jornada de Homenagem ao Professor Pina Martins” promovida pelo Departamento de Literaturas Românicas, a primeira ocasião de convívio intelectual com o Homenageado, proporcionada pela mostra camoniana de Roma. Conheci então o bibliógrafo moderno que, com erudição e sensibilidade, descrevia as belas edições por ele seleccionadas no acervo da Biblioteca dell’Accademia Nazionale dei Lincei e Corsiniana e, com conhecimento profundo dos textos e dos autores, chamava a atenção para o valor das fontes italianas da poesia de Camões.

A familiaridade com os livros antigos, a competência científica com que Pina Martins escolhia, manuseava e descrevia os esplêndidos exemplares que foram expostos nessa Mostra e sobretudo o enlevo com que deles discorria durante as conversas daqueles fecundos dias

de trabalho no Palazzo de Via della Lungara, revelavam já o *amor librorum* do verdadeiro bibliófilo. Mas, para descobrir a requintada bibliofilia de Pina Martins, era necessário entrar no “santuário” da sua biblioteca, ver nas mãos do possuidor um precioso incunábulo, uma aldina minúscula, um pesado volume in-folio ou, aberta na sua secretária, a reprodução fac-similada de um códice insigne, ouvi-lo dissertar acerca da beleza gráfica e iconográfica de um livro raro, do valor simbólico de uma encadernação sumptuosa, da importância que determinado livro antigo tinha tido para os seus estudos.

Tive, muitas vezes, o privilégio de ser recebida na “Biblioteca de Estudos Humanísticos de Lisboa” (assim a designava, a partir de certa altura, o seu proprietário), mas, para os meus trabalhos, nunca precisei de consultar alguma das preciosidades que me foram apresentadas: modesta medievalista, o meu interesse ia primordialmente para os instrumentos de pesquisa e para os ensinamentos que o Mestre me prodigalizava. É que o bibliógrafo, bibliófilo e bibliólogo Pina Martins era – como a sua bibliografia e o prestígio internacional alcançado o atestam – um sábio em estudos do Humanismo e Renascimento, além de humanista na mais completa acepção da palavra. Ora, nos anos felizes em que, na Biblioteca Apostólica Vaticana, eu pude “conviver” com cancioneiros provençais, franceses e italianos, com miscelâneas em que se acotovelavam apontamentos do mais variado teor, *tavole*, correspondência de humanistas e fragmentos de poesia ou prosa, convivi também, de certo modo, com alguns dos autores presentes na livraria-*scriptorium* de Pina Martins. Desses autores, eu guardava sobretudo a memória da sua presença na biblioteca e nos estudos de um humanista colecionador e infatigável leitor e anotador de códices, a quem a literatura portuguesa deve a preservação da parte mais consistente do seu primeiro capítulo (refiro-me, evidentemente, a Angelo Colocci e aos cancioneiros da lírica galego-portuguesa por ele mandados copiar). Nas conversas com o humanista Pina Martins, Colocci funcionava como *trait d'union* a ligar os nossos interesses e a suscitar da parte do Professor eruditas informações que alargavam ou aprofundavam o meu conhecimento.

Concretizando. Quando, a propósito da *tavola collociana* “*Autori portughesi*”, eu falava, com um misto de entusiasmo e espanto, do método de trabalho do humanista iesino e sublinhava a sua mania de *intavulare*, referindo-me às intermináveis listas de vocábulos e frases tiradas de Petrarca ou de Francesco da Barberini, aos elencos de nomes de livros e autores, aos seus desordenados apontamentos linguísticos misturados com notas *aide-mémoire* em que surgiam os nomes de Pontano ou de Bembo – páginas e páginas manuscritas que penosamente eu tentara decifrar em busca de dados úteis para as pesquisas que estava levando a cabo –, Pina Martins iluminava estas recordações das minhas leituras com o seu saber sobre a cultura italiana do Renascimento.

Por exemplo, os apontamentos linguísticos de Colocci, que para mim só tinham significado na medida em que me ajudavam a interpretar as notas collocianas ao *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, eram afinal o reflexo da animada discussão dos humanistas italianos em torno da questão da “língua comum”: a esse propósito, Pina Martins trazia à colação as *Prose* de Bembo, mostrava-me o exemplar da *editio princeps* que tinha na sua biblioteca e, enquanto defendia a posição linguística do Cardeal veneziano, mais purista que Colocci, realçava a matriz petrarquista das opiniões literárias e da própria poesia de Bembo, sem deixar de lembrar o que as *Rime* de Petrarca deviam aos poetas stilnovistas e mesmo aos Sicilianos, corroborando, deste modo, a importância dos índices e apontamentos que Colocci abreviadamente intitulara “Siculi”, “Guido Guinicelli”, “Petrarca”. Entre Colocci e Bembo, Pina Martins manifestava maior admiração por este último, atraindo a minha atenção para os versos de Sá de Miranda em que o poeta português cita os *Asolani* e, na esteira do autor das *Prose [...] della volgar lingua*, relaciona Petrarca com os Provençais; o meu entusiasmo por Colocci assentava numa característica única da sua actividade de humanista: é que o seu interesse pela poesia das Origens abarcara também os *Autori portughesi*, dos quais parece ter sido estudioso solitário.

Outro exemplo. A investigação que realizei à volta de um tal “da Ribera” citado por Colocci num lacónico *pro-memoria* levou-me

a propor a identificação deste personagem com monsenhor António Ribeiro, camareiro do Papa e fiel servidor do bispo D. Miguel da Silva, que, nesses anos (1515-1525), era embaixador de Portugal junto dos papas Medici. Pina Martins conhecia muito melhor que eu o ambiente da Cúria romana e da Roma erudita de Quinhentos, com as suas reuniões literárias em que brilhavam humanistas italianos e estrangeiros, entre os quais alguns portugueses como D. Miguel da Silva, a quem Castiglione dedicou *Il Cortegiano*. Daí que as conversas com o Professor fossem, para mim, ocasiões de “encontro”, não só com esses literatos e eruditos do passado, mas também com os estudiosos que, na actualidade, deles se haviam ocupado nos seus trabalhos, que, naturalmente, eu acompanhava com interesse e dos quais me falava Pina Martins com apreciações que traziam sempre alguma informação nova.

Destes e de outros temas afins se entreteceram muitas das nossas conversas telefónicas, no tempo em que eu tinha ainda “activos” os rendimentos da pequena fortuna intelectual que acumulara durante os anos vividos em Roma, no convívio com professores da Universidade “La Sapienza”, ou nos contactos esporádicos com estudiosos a quem, por vezes, recorri na Vaticana. Nos últimos anos, Pina Martins telefonava-me a propósito da realização de algum colóquio ou conferência na Academia das Ciências, aproveitando a oportunidade para falar da vida da Academia; motivado pela leitura de algum trabalho cuja autoria eu podia conhecer, lamentava a falta de sobriedade e de rigor, o desconhecimento das fontes que caracterizam muita da crítica *à la mode*; falava-me também das suas últimas “fadigas” – a publicação da *Utopia III* (“em co-autoria” com Miguel Hytlodeu), acerca da qual, sorrindo, me dava pistas para a decifração de alguns nomes fictícios, e o projecto da edição crítica do texto latino, com tradução portuguesa, da *Utopia* de Thomas More, ao qual decidira associar o nome do Professor Aires A. Nascimento, cuja competência científica, amplamente afirmada no mundo dos estudos de textos da latinidade clássica, medieval e humanística, lhe merecia os maiores encómios, pelo rigor da fixação do texto e pelo primor da tradução para a língua de Camões.

A partir de certa altura, passei a encontrar o Professor Pina Martins, não na sua esplendorosa biblioteca, mas no espaço mais íntimo da sua casa, onde a Primula (essa, sim, minha professora no Instituto Italiano de Cultura) maravilhosamente me recebia e me deleitava com as suas conversas, em italiano, recheadas de cultura, sabedoria e bom senso. O mutismo do Professor ia ganhando terreno, mas o seu acolhimento afável, as suas elegantes frases de cortesia, a serenidade com que respondia às perguntas sobre a sua saúde (“Não me lamento!”, “Non c’è male!”), a participação na degustação dos chás preparados pela *raffinata* dona da casa, conseguiam amenizar a dolorosa consciência do seu alheamento. Já acamado, ainda mostrava ouvir as notícias que lhe dava e respondia com monossílabos, quando, ao despedir-me antes de uma viagem aérea, lhe perguntava se me dava a sua bênção (“Sì!” – respondeu-me, em italiano, ainda recentemente). Mais perto da sua partida para a casa do Pai, procurei romper o seu silêncio perguntando-lhe se pensava em nós, se pensava no seu amigo Thomas More: o nome do Santo que tanto amava desenhou-lhe um breve sorriso na face emagrecida.

“Só os mortos podem ser evocados” diz Eduardo Lourenço num dos seus belíssimos textos diarísticos, para justificar a invenção da morte do seu heterónimo “Tristão Bernardo”. A minha evocação do Professor Pina Martins talvez pretenda apenas contrariar a interrupção de um diálogo que se prolongou por mais de trinta e cinco anos, até à sua morte. ELSA GONÇALVES